

A implementação da próclise na escrita de missivistas brasileiros nascidos entre os séculos XIX e XX

The actutation of proclisis in Brazilian letters written by authors born between the 19th and 20th centuries

DOI: <https://doi.org/10.24206/lh.v5i1.24451>

Silvia Regina de Oliveira Cavalcante

Professora Associado 2 da UFRJ, atua na Pós-Graduação em Letras Vernáculas da FL/UFRJ, trabalha com linguística histórica, mudança sintática, história do PB.

E-mail: silviare@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3264-3572>

Diana Silva Thomaz

Graduada e mestre em Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), instituição em que apresentou sua dissertação cujo título foi "A colocação pronominal em cartas pessoais da Família Pedreira Ferraz - Abreu Magalhães: Um caso de competição de gramáticas" (2017). Atualmente, é professora de Português Língua Estrangeira (PLE), na UFRJ, e faz uma especialização nessa área - PLE - na Universidade Federal Fluminense (UFF).

E-mail: diana.thomaz.ufrj@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4601-4753>

Leandro Candido Rocha

Doutorando em Língua Portuguesa pelo programa de Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Mestre em Letras Vernáculas - Língua Portuguesa (UFRJ). Experiência em pesquisas diacrônicas sobre a posição clítica em cartas pessoais. Tem interesse em mudança linguística, linguística histórica e sintaxe diacrônica.

E-mail: rocha.lcandido@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5987-6088>

RESUMO

Este trabalho apresenta um estudo da ordem dos clíticos em cartas pessoais trocadas entre membros das famílias Pedreira Ferraz – Abreu Magalhães, Frazão Braga, Salgado Lacerda, os noivos Jayme e Maria e diferentes missivistas oriundos de diferentes regiões do Brasil, todos nascidos ao longo do século XIX e XX. Considerando resultados de trabalhos anteriores sobre colocação pronominal e as características da gramática do PB (BRITO; DUARTE; MATOS, 2003; PAGOTTO; DUARTE, 2005; MARTINS, 2010 e CAVALCANTE; DUARTE; PAGOTTO, 2011, entre outros), nosso objetivo é (1) mostrar a implementação da próclise na escrita de brasileiros em formas verbais simples ao longo do tempo e (2) testar a hipótese de M. A. Martins, que mostra competição de gramáticas no contexto de próclise com XV, afirmando haver diferença na frequência de realização dos pronomes com verbo precedido por Sujeito Pronominal, por Sujeito SN e por ADV-PP. Para tanto, utilizamos uma metodologia quantitativa para a análise de dados, considerando somente sentenças matrizes com verbo na primeira posição e na segunda posição. Os resultados encontrados, em síntese, nos permitem antecipar que, apesar de haver contextos resistentes à entrada da próclise devido às pressões normativas, como contexto de #V1, a partir da segunda metade do século XX, os pronomes átonos se realizam majoritariamente proclíticos. Além disso, com relação ao contexto XV, a partir da segunda metade do século XX, a próclise é categórica, independentemente do tipo de sintagma que antecede o verbo, o que não corrobora a hipótese de M. A. Martins (2010).

Palavras-chave: Colocação pronominal. Português brasileiro. Mudança sintática

ABSTRACT

In this paper, we present a study of clitic placement in Brazilian personal letters exchanged between family members and friends of five different samples, that belong to the Corpus de História da Língua Portuguesa – HistLing/UFRJ, from the 19th to the 20th centuries. We depart from results from previous research papers that relate clitic placement and the characteristics of Brazilian Portuguese (BRITO; DUARTE; MATOS, 2003; PAGOTTO; DUARTE, 2005, MARTINS 2010 and CAVALCANTE, DUARTE; PAGOTTO, 2011) in order to (1) to show the actuation of proclisis in Brazilian written sample along the time, and (2) to test Martins (2010) hypothesis, which shows grammar competition in the context of proclisis with XV in 19th century written Brazilian Portuguese. Our results show that, despite normative pressure, the rates of proclisis rise along the time, even in V1 and XV contexts. Moreover, with regard to the preverbal element in XV contexts, our results do not show any difference between pronominal or nominal subjects, contrary to Martins (2010) results.

Keywords: Clitic placement. Brazilian Portuguese. Syntactic change.

Introdução

Vários estudos têm sido desenvolvidos a fim de identificar características das gramáticas do português histórico e, entre eles, muitos trabalhos (GALVES; SOUSA; BRITTO, 2005; GALVES; RIBEIRO; MORAES, 2005; DUARTE; PAGOTTO, 2005; KATO; MARTINS, 2016; THOMAZ, 2017; CANDIDO, 2018; CAVALCANTE; MARTINS, 2018, entre outros) têm mostrado a relevância do estudo da colocação dos pronomes clíticos para atestar as mudanças que ocorrem nos textos escritos históricos e que comprovam a existência de, pelo menos, três gramáticas no que tange à colocação dos pronomes clíticos: a gramática¹ do Português Clássico, a do Português Europeu e a do Português Brasileiro. Os contextos sintáticos em jogo são: verbo na primeira posição (absoluta ou início de oração); contextos de sentenças matrizes com operador de negação, ou de focalização e sentenças subordinadas e contextos V2 em que o elemento que vem antes do verbo não é um operador, mas um Sujeito, um Sintagma Adverbial ou um Sintagma Preposicionado. Nesses contextos, podemos observar mudança nos padrões de colocação pronominal ao longo do tempo.

Como mostram as análises de Galves (2003), Galves, Britto e Paixão de Sousa (2005), Galves, Ribeiro e Moraes (2005), o Português Clássico – a gramática instanciada nos textos produzidos por portugueses nascidos entre os séculos XVI e XVII –, se caracteriza por apresentar contextos de próclise e de ênclise obrigatórios e contextos de variação. No Português Clássico, os contextos V1 são de ênclise obrigatória; os contextos de orações subordinadas ou com operadores de negação ou de focalização são de próclise obrigatória e os contextos V2, com Sujeito não focalizado, Sintagma Adverbial e Sintagma Preposicionado antecedendo o verbo são de variação, como vemos com os exemplos a seguir extraídos dos textos que compõem o Corpus Tycho Brahe, de autores portugueses nascidos entre os séculos XVI e XVII:

- (1) a. Eu **corro-me** de dizer o que padeço.
- b. Ruy Lopes de Villa-Lobos **o recebeo** com muita honra
- c. Depois **sucedeo-lhe** o Mirão, seu sobrinho, ...
- d. Hoje **me parto**.
- e. Em troca disto, **ofereço-lhe** da parte de Inglaterra defesa de tôdas as suas colónias e ...
- f. Para os críticos **me deu** Nosso Senhor excelente coração, porque sempre vou a ganhar com eles ...

(GALVES; BRITTO; PAIXÃO DE SOUSA, 2005, p. 42-43)

¹ Gramática aqui se refere à Língua-I, em oposição à Língua-E, nos termos de Chomsky (1995).

O Português Europeu – a gramática instanciada nos textos produzidos por portugueses nascidos a partir do século XVIII – se caracteriza por apresentar contextos de ênclise obrigatória nos contextos V2 que eram de variação no Português Clássico, como mostram os exemplos de Galves, Ribeiro e Moraes (2005, p.146-147)

- (2) a. Ele parece-me mais velho e mais sábio.
- b. quando era criança, o avô dissera-lhe...
- c. E de repente, pegava-me nas mãos...
- d. Depois ensinaste-me coisas belas...

(GALVES; RIBEIRO; MORAES, 2005, p. 146-147)

O Português Brasileiro se caracteriza pelo uso categórico da próclise em todos os contextos sintáticos de variação ou de ênclise em estágios anteriores da língua, inclusive em casos de Verbo na primeira posição, com estruturas verbais complexas, em que o clítico é proclítico ao verbo lexical e não está ligado ao auxiliar, como vemos nos exemplos a seguir de cartas pessoais brasileiras, a amostra da presente análise:

- (3) Me chamo Alessandra, apelido Danda, tenho 22 anos e sou ariana.

(*Corpus HistLing*, ALE, 16/06/2012, nasc. 1976-2000)

- (4) Amanhã a noite se eu ficar sosinho em casa, te escreverei uma carta como tu gostas bem grande e bonita,

(*Corpus HistLing*, JOS, 13/02/1937, nasc. 1901-1925)

- (5) Isso me desistressa.

(*Corpus HistLing*, CAM, 09/03/2012, nasc. 1976-2000)

- (6) Mas a música me dá ânimo mesmo...

(*Corpus HistLing*, WES, 09/09/2010, nasc. 1976-2000)

- (7) Um italiano me pediu licença para escrever em Revista do seu paiz um artigo, mas creio que ficou nisso.

(*Corpus HistLing*, FPEDR, 22 de setembro de 1924, nasc. 1876-1900)

- (8) Eu na noite de terça feira para quarta eu tive um sonho com voçe eu depois tecomto.

(*Corpus HistLing*, MRC, 07/10/1936, nasc. 1901-1925)

(9) Voce deve ter ficado tão contente quanto eu de termos nos encontrado.

(*Corpus HistLing*, ACAR, 24/02/1977, nasc. 1951-1975)

(10) Jane mandou me pedir que fizesse Jeronymo ir a Buenos Aires, mas nem me atrevo

(*Corpus HistLing*, MEP, 01 de janeiro de 1920, nasc. 1876-1900)

As pesquisas têm mostrado também que, embora o PB seja uma língua essencialmente proclítica na fala, a escrita ainda conserva contextos de alta frequência de ênclise, como em início absoluto de oração, o que revela certa resistência da implementação da próclise nesse caso, devido a uma pressão normativa muito grande que advém de uma mudança no padrão de colocação pronominal ocorrida ainda no século XIX no português europeu (PE) (PAGOTTO, 1998), fazendo com que o vernáculo brasileiro não apareça nos textos produzidos por falantes do PB.

Nosso principal objetivo é mostrar a implementação da próclise na escrita dos brasileiros por meio da análise de formas verbais simples em cartas familiares pessoais de missivistas nascidos entre o início do século XIX e final do século XX, sobretudo nos contextos de variação no português clássico (PC), os contextos XV, e nos contextos V1, que eram de ênclise obrigatória. Um segundo objetivo é testar a hipótese de Martins (2010) na qual haveria uma possível diferença no comportamento da posição dos pronomes nas construções XV. A hipótese levantada em relação à (diferente) evolução atestada nos padrões de próclises nos contextos SV com sujeitos pronominais e DP em sua amostra é que essa diferença está correlacionada à mudança estrutural na posição disponível dos sujeitos pré-verbais na gramática do PB nas estruturas superficiais. Para tanto, retomamos os resultados de Thomaz (2017) e de Rocha (2018), e acrescentamos mais dados de clíticos oriundos de uma amostra de cartas escritas por brasileiros nascidos ao longo dos séculos XIX e XX.

Nessa amostra de cartas particulares, por hipótese, emergirá ao longo do tempo, assim como mostram os estudos da colocação pronominal no PB oral, a gramática proclítica dos falantes brasileiros nos contextos de advérbios [advP], preposição [PP] e sujeito – antes contextos de variação no PC – e nos contextos de V1 (início absoluto e início de oração), o que evidencia a implementação da próclise na escrita do PB. Essa hipótese está baseada na natureza do corpus: cartas pessoais trocadas entre familiares e amigos próximos entre si podem ser um contexto sociolinguístico em que as pressões normativas sejam menores e que podem aparecer as construções características da gramática do PB.

Este artigo está organizado da seguinte forma: na seção 1 apresentamos um breve estado da arte sobre os estudos sobre colocação pronominal em textos brasileiros; em seguida, apresentamos o

corpus e a metodologia de trabalho; na seção 3, apresentamos as análises dos dados e interpretação dos resultados; seguido das considerações finais e referências.

1. Breve estado da arte

Em seu estudo comparativo entre ordem das palavras no PB e no PE, Kato e Martins (2016) definem as diferenças encontradas entre a posição do clítico como a composição de dois sistemas distintos de colocação pronominal no português que oferecem um contraste impressionante entre as duas variedades. O PB apresenta próclise generalizada enquanto o PE apresenta próclise e ênclise em domínios finitos e não-finitos com uma distribuição em contextos e regido pelo que as autoras chamam de “fatores gramaticais bastante complexos”.

Diferentemente das demais línguas românicas, a ideia de um elemento operador de próclise procede apenas para o PE, nem mesmo no PB a posição proclítica pode ser creditada à funcionalidade de tais elementos. Apenas no PE a próclise em orações matrizes depende da presença, na posição pré-verbal, de um elemento ou um conjunto de elementos aparentemente heterogêneos (KATO; MARTINS, 2016). Embora não se debrucem profundamente sobre fatores gramaticais que configurem um contexto de próclise no PE, as autoras assumem que, quanto a colocação do pronome, o PE possui um sistema complexo e sugerem ainda que é este sistema complexo de colocação pronominal que provoca a mudança que resultou no padrão proclítico generalizado do PB.

Dessa forma, em sua visão, o PB escrito talvez não seja apenas um sistema artificial como costumava ser pensado, mas uma elaboração de um estágio anterior de desenvolvimento histórico que precede o surgimento de próclise generalizada. De fato, o baixo nível estável de variabilidade que parece ser intrínseco ao sistema do PE poderia ter aumentado significativamente em uma situação histórica, favorecendo aquisições incompletas devido a condições sociais particulares e amplo contato entre línguas.

Indo em direção às pesquisas de colocação pronominal em cartas pessoais, Duarte e Pagotto (2005) mostram resultados de missivistas do século XIX em que há uma diferença de comportamento devido à escolaridade. Nessa amostra de cartas, o casal de avós, Christiano e Bárbara Ottoni, escreve aos netos que se encontravam com os pais em Paris. Ele, nascido em 1811 em Vila do Príncipe, atual Cidade do Serro, Minas Gerais, era engenheiro, foi deputado e também senador duas vezes. A avó, por sua vez, era dona de casa, de quem pouco se sabe, além do fato de ter nascido em 1822, na cidade de Valença, Rio de Janeiro e de descender de uma família influente no interior fluminense. Suas cartas foram escritas entre os anos de 1879 e 1892. O objetivo dos autores foi

investigar como os dois falantes se comportavam linguisticamente em meio ao turbilhão de transformação que acontecia no século XIX, verificar até que ponto suas escolhas entre o normativo e o não normativo não seriam governadas pelos mesmos processos de hoje em dia e levantar subsídios para discutir de que maneira os sujeitos falantes reagem aos processos linguísticos de mudança e normatização.

Os autores assumem que as estruturas de colocação do clítico são diferentemente permeadas pela norma, passando eventualmente por escolhas de cunho pessoal. No século XIX, talvez, essa escolha fosse mais conturbada uma vez que a norma clássica estava sendo abandonada em prol da nova norma lusitana, o que coloca para os falantes escolarizados um problema, segundo os autores, mais complexo que consistia em “escapar do português popular tendo que optar entre duas normas” (p. 68).

Duarte e Pagotto (2005) levantam uma pergunta pertinente para a época e que nos interessa enormemente: será que haveria alguma diferença significativa entre o senador e sua esposa, no que diz respeito à posição dos clíticos? No caso do senador, eram esperados dois comportamentos: um senador excessivamente conservador a ponto de utilizar a norma proclítica do começo do século – e, portanto, mais próximo do português clássico – ou um senador atento às novas tendências linguísticas, adotando o moderno padrão enclítico lusitano. Quanto à sua esposa, assumindo que já era uma senhora de idade e de pouca circulação social, esperava-se um padrão de colocação próximo ao PC ou uma despreocupação com a norma, apresentando uma forte influência do português brasileiro.

Baseados em algumas hipóteses linguísticas, Duarte e Pagotto chegam à conclusão de que há escritores que fazem próclise em todos os contextos e há aqueles que só a incorporam quando se trata de verbo antecedido por sujeito, havendo, ainda, outros que são mais ou menos permeáveis segundo certos contextos estruturais. Isso mostra que ainda há uma relativa influência normativa na literatura atual, mas sua atuação é filtrada pelos contextos estruturais.

Os resultados encontrados na análise de estruturas simples foi uma diferença significativa entre o avô (53% próclise contra 47% ênclise) e a avó (93% próclise contra 7% ênclise) indicando que os papéis atribuídos ao gênero, ao menos no século XIX, interferem de alguma maneira nas escolhas feitas por eles, porém um comportamento linguístico como o do avô era comum no PC e não necessariamente poderia ser debitado da conta de um suposto reflexo do PB: em contextos V2, sem operador de próclise, há 31% de próclise ao passo que nas cartas da avó o percentual de próclise chega a 90%. Outra diferença importante diz respeito aos contextos V1: enquanto nas cartas do avô há 0% de próclise, nas cartas da avó esse percentual chega a 60% em V1 absoluto e 100% de V1 em início de oração. Isso indica que a escrita da avó se aproxima em muito da gramática do PB atual, como podemos exemplificar a seguir:

(11) e os sabados sempre fá-co Paõ doce e melembro de de que sevoce estivesse aqui avia meajudar equan-do elles vem açadinhos do forno eu digo logo se Tixe istivesse aqui como elle avia de gostar.

(DUARTE; PAGOTTO, 2005: p.75, Carta 30, avô)

(12) Da um a-braço a Ninia e a Tio Lulu e temvia muitos beijos e abraços Sua Didinha *que* muito os ama.

(DUARTE; PAGOTTO, 2005: p.75, Carta 39, avô)

(13) Da um abraço a Bebê e dise-lhe: fase de conta que é vovô quem te abraça.

(DUARTE; PAGOTTO, 2005: p.75, Carta 5, avô)

(14) [...]: abraça-te e abençoa-te de coração Teu avô e amigo C. B. Ottoni.

(DUARTE; PAGOTTO, 2005: p.75, Carta 8, avô)

Assim como Kato e Martins (2016), Duarte e Pagotto se voltam para a discussão da funcionalidade dos operadores de próclise no PB atual, já que há uma tendência natural e generalizada à próclise nessa variedade, como mostram os resultados da avó. De modo geral, o trabalho de Duarte e Pagotto mostra que o avô se apresenta sensível a tais operadores, enquanto a avó, não. Apesar desse estatuto diferenciado, constata-se um uso categórico da próclise na presença de pronomes relativos e interrogativos, conjunções subordinativas, operadores de negação, operadores de foco e quantificadores.

Nos contextos em que não há um elemento operador de próclise, os autores encontraram uma oposição no padrão dos avós. Nas estruturas coordenadas simples, ela prefere a próclise (86%) enquanto ele prefere a ênclise (86%). Em estruturas iniciadas por um SN lexical ou pronominal, a avó manifesta ainda preferência pela próclise (80%) enquanto o avô se apresenta neutro. A opção normativa detectada nas cartas do avô é fruto do preocupado senador do império com a educação dos netos e que procurava imprimir nos seus textos uma marca linguística exemplar, a fim de que eles aprendessem a “boa linguagem”. Por outro lado, a avó apresenta em suas cartas uma gramática mais próxima do português coloquial. Outra possibilidade para a interpretação dos dados da sra. Ottoni seria imaginar que ela estaria refletindo um padrão mais antigo, do português clássico, em que esse tipo de próclise era frequente; entretanto, o padrão de próclise que ela apresenta nos contextos V1 faz acreditar que se trata de um padrão próximo ao da gramática do PB atual. De fato, a variação apresentada nas cartas do avô, Sr. Ottoni em contextos XV, e o padrão enclítico em sentenças V1 são evidências para dizer que ele reproduz a gramática do Português Clássico.

Para os autores, as cartas analisadas são um testemunho muito interessante das reviravoltas linguísticas por que o século XIX passou e mostram como, nesse período, o que concerne ao

normativo e ao não normativo caminham em direção opostas. Para além das questões sociais, os fatores estruturais também determinam como as formas oriundas da fala penetram e se incorporam no texto escrito normatizado. Desse modo, as diferenças entre o senador e sua esposa, um casal pertencente à elite brasileira, que levam os autores a pensar a relação entre formas linguísticas e papéis sociais do homem e da mulher no processo histórico do PB. No caso dos clíticos, parece que homens e mulheres, não seguiam pelos mesmos caminhos, pelo menos no que se refere à modalidade escrita. Talvez o que esteja em jogo na diferença de gênero que surge em alguns resultados linguísticos do século em questão esteja relacionado aos papéis sociais de homens e mulheres na sociedade carioca do século XIX: o avô, senador do Império e depois da República; a avó, uma dona de casa cujos interesses e afazeres estavam circunscritos à cena doméstica.

Já em um outro estudo, Cavalcante, Duarte e Pagotto (2011) mostram uma leve implementação do padrão de colocação pronominal do PB na escrita de missivistas para Rui Barbosa. Nesse trabalho, os autores se propõem a estender a análise feita por Duarte e Pagotto (2005) e discutir se a posição dos clíticos no século XIX é uma questão de posição social, analisando cartas ao ilustre Rui Barbosa no mesmo período em que os Ottoni escreveram a seus netos. O interesse principal desse artigo foi trazer subsídios para uma descrição do PB, sob a hipótese de que, assim como se observou nas cartas dos avós Ottoni, os remetentes de Rui Barbosa buscariam reproduzir o estilo lusitano que lhes foi ensinado através do ensino formal. Entretanto, esperava-se que os missivistas mais ligados a Rui Barbosa deixariam transparecer uma gramática mais brasileira, permitindo identificar os contextos de maior resistência às mudanças que se procediam.

Levando em consideração estruturas de formas verbais simples, o PE moderno apresenta ênclise obrigatória em contextos que podem ser divididos em V1 e V2. Ou seja, no primeiro caso, contextos em que o verbo finito vem na primeira posição absoluta ou início de oração, orações subordinadas reduzidas e orações justapostas ou coordenadas sem conectivo e no segundo caso, orações matrizes afirmativas, em que o elemento que precede o verbo pode ser o sujeito, um sintagma preposicional ou um advérbio, além das orações coordenadas sindéticas. Já o PC apresenta variação nos contextos considerados de V1 tanto quanto nos de V2. No caso de V1, o PC manifestava diferentemente a posição os clíticos quando em início absoluto e quando em início de sentença precedida de outra sentença e no caso das coordenadas. Nesses dois últimos casos, apresentava próclise preferencialmente, o que mostra que o PE moderno mudou na direção da implementação da ênclise nesses contextos. Ainda podemos acrescentar que, nessa gramática, também ocorre variação nos contextos de V2, com forte tendência à próclise. Por sua vez, no português brasileiro, mantém-se a ordem proclítica nos mesmos contextos atestados no PC e surge, como inovação, a próclise em contexto de V1 em início absoluto. O PB também apresenta uma grande inovação nas construções complexas em relação ao PE e às demais línguas românicas, apresentando próclise ao segundo verbo.

Foram levantados 454 dados dos quais 366 estruturados por formas verbais simples e 88 por formas verbais complexas. Das formas simples utilizadas no trabalho, 59% exibem próclise e 41% exibem ênclise, distribuídas entres os contextos de variação e de próclise obrigatória, o que não permite aos autores fazerem grandes considerações sobre a colocação pronominal no PB.

Para explicar os fenômenos pertinentes ao PB nas cartas à Rui Barbosa, os autores partem da análise das cartas do missivista Carlos Nunes de Aguiar, amigo de Rui, pois sua amostra revela um comportamento que o distingue significativamente dos demais, fazendo emergir a gramática do PB. Carlos é o único entre os missivistas que utiliza próclise em início absoluto, – 8 em 28 das sentenças com verbo em primeira posição – em torno de 29% de próclise, o que os autores consideram uma forte manifestação do português brasileiro. Os autores ressaltam, entretanto, que existe variação entre o uso da próclise e da ênclise em Carlos, nesses contextos, enquanto os demais autores se restringem à ênclise.

Levando em conta que os documentos analisados são cartas dirigidas a um ilustre político, jurista e jornalista, vemos resultados que poderiam ser julgados surpreendentes. Embora as construções de V1 exibam um comportamento majoritariamente enclítico, assim como o PE, as ocorrências de próclise nesses contextos não podem ser ignoradas. O fato de as oito ocorrências de próclise em início absoluto terem sido produzidas por Carlos, amigo e correspondente mais assíduo de Rui Barbosa, é certamente revelador de menor cuidado na “mudança de norma”. A eventual preocupação do missivista com a colocação pronominal pode ser observada na correção que faz em uma das suas cartas.

- (15) Mande a Bahia e o Bahianos a aquella parte, procure ~~se~~ tratar-se é isto que me inquieta e o que me causou profunda tristeza e certa apreensão, te conheço bem.

(CAVALCANTE; DUARTE; PAGOTTO, 2011. p. 186; Carta 14 CNAguiar)

Nas cartas escritas por Carlos, há preferência pela próclise quando o elemento em primeira posição é um SN, um SP ou advérbio, mas, com uma conjunção coordenativa, o autor fica entre a próclise e a ênclise. Ele também apresenta equilíbrio entre as duas posições do pronome – com frequência de próclise um pouco maior do que a de ênclise – no contexto de orações infinitivas antecedidas de preposição, contexto em que há variação no PE e no PC. Os demais correspondentes de Rui Barbosa utilizam a ênclise em 11 dos 12 casos de clíticos com infinitivo (92%), o que denota uma opção estilística que vai em direção contrária à tendência à próclise do PB.

Na presença de operadores de próclise, o que chama nossa atenção são as ocorrências de ênclise. Por sempre ter sido contexto de próclise obrigatória no português histórico, no PB, pode-se pensar nessas ocorrências como hipercorreção ou falta de familiaridade com as regras que levam a uma outra

escolha de colocação pronominal. É interessante observar que Carlos apresenta 4% de uso de ênclise nesse contexto, enquanto os demais apresentem 24%.

Sintetizando as considerações finais de Cavalcante, Duarte e Pagotto, a forte presença de ênclise em todos os contextos indicaria uma aproximação com as formas do PE moderno, especialmente nos contextos de variação no PC, e a emergência do PB, em menor escala, mas não menos significativa, é especialmente percebida em contextos inovadores na história da língua: em início absoluto de sentença e em construções verbais complexas. Segundo os autores, considerando a natureza social dos interlocutores de Rui Barbosa, a ocorrência de próclise em início absoluto e a próclise ao segundo verbo de locuções verbais é surpreendente nestes documentos. Do mesmo modo, a próclise em início de oração não deixa de ser importante. Essas ocorrências podem ser explicadas devido ao grau de intimidade entre o missivista e seu interlocutor, o que torna claro que o plano social interfere na posição dos clíticos, no final do século XIX. A colocação pronominal, portanto, parece obedecer a uma lógica segundo a qual, dentre os mais escolarizados, o grau de intimidade governava as escolhas quanto a qual norma seguir.

Trazemos, por fim, Cavalcante e Martins (2018) que mostram competição de gramáticas no contexto de próclise com XV, comparando os índices de próclise em textos escritos por autores portugueses nascidos entre os séculos XVI e XIX com os textos escritos por autores brasileiros nascidos ao longo dos séculos XIX e XX. Nessa proposta, os autores tinham como objetivo discutir a interface entre a sociolinguística variacionista e a teoria da gramática, a favor da tese de Kroch (1989, 2001) de que a variação encontrada nos textos é o resultado da competição entre gramáticas diferentes do português ao longo dos séculos e ainda relacionar o padrão de posição e de colocação dos clíticos com uma mudança paramétrica que revelaria traços da gramática do PB em textos de peças teatrais escritas e por cartas escritas por brasileiros ao longo dos séculos XIX e XX.

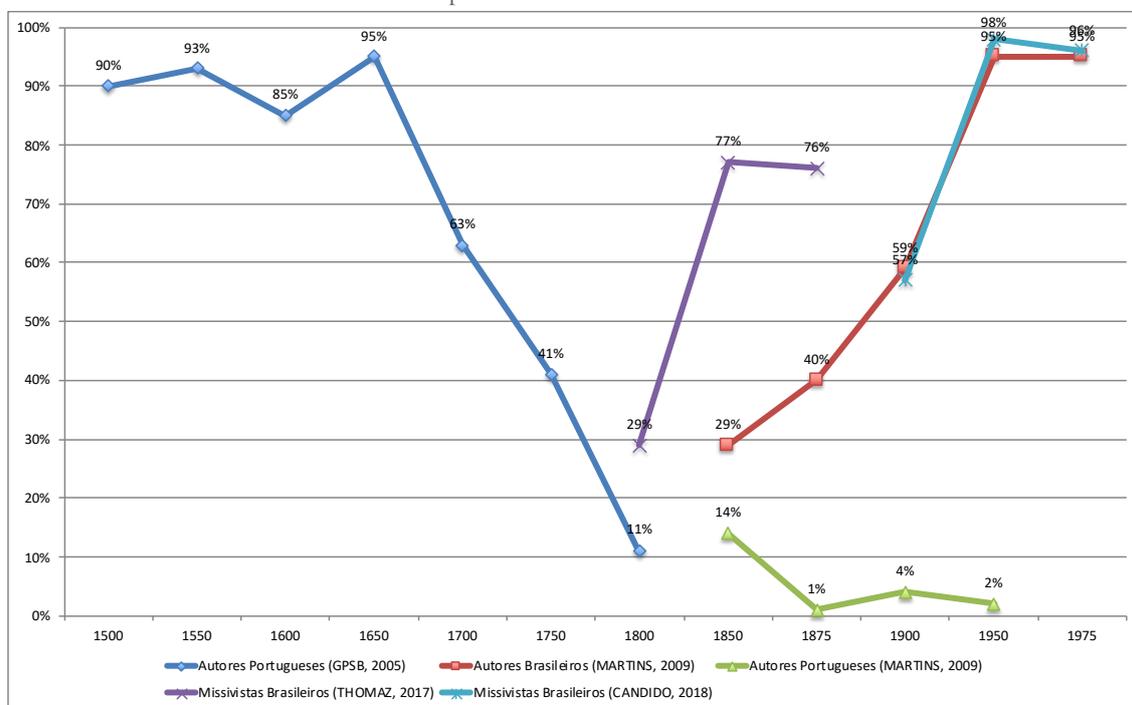
Particularmente sobre a próclise em textos escritos no Brasil, há uma competição entre o vernáculo brasileiro e o ideal de língua dos missivistas, que pode ser influenciado por questões de norma. Observemos o Gráfico 1 a seguir que ilustra o percentual de próclise no contexto XV no PE e no PB adaptado de Martins (2009), retirado de Cavalcante e Martins (2018).

Vemos claramente com esses resultados três gramáticas distintas no que tange aos contextos XV: a do Português Clássico, com variação, a do PE que evolui para ênclise e a do PB em direção à próclise. Comparando os padrões de colocação pronominal, vemos que, na linha temporal, os autores portugueses e os autores brasileiros vão em direções opostas. Há uma vertiginosa queda na porcentagem de próclise no PE já no século XVIII, passando de 90% no século XVI para apenas 11% no final do período clássico do português. Os resultados para o Português Clássico foram adaptados de Galves, Britto e Paixão de Sousa (2005), que mostram a evolução da ênclise do Português Clássico para o Português Europeu. Vemos que na linha de autores portugueses (GBPS,

2005), há variação próclise x ênclise entre os séculos XVI e XVII, e depois, ocorre uma queda nos índices de próclise, fazendo surgir a gramática do PE. Essa porcentagem segue diminuindo até chegar 2% por volta de 1950, nos dados de autores portugueses em peças de teatro (Martins, 2009).

Os índices de próclise em dados de autores brasileiros são oriundos de um corpus de peças teatrais (Martins, 2009) e de duas amostras de cartas pessoais escritas por brasileiros nascidos ao longo dos séculos XIX e XX (Thomaz, 2017; Candido, 2018). Os índices de próclise em textos de autores e missivistas brasileiros seguem uma direção totalmente diferente do padrão europeu, saindo de 29% em contexto XV no início do século XIX e chegando a 96% no final do século XX.

Gráfico 1 - Percentual de próclise em contextos XV em textos de autores portugueses e brasileiros, por data de nascimento.



Fonte: Cavalcante e Martins (2018).

Tendo visitado trabalhos de cunho teórico-descriptivo, em particular os de caráter formalista, que se debruçam sobre a colocação pronominal, começamos a compreender os mecanismos de posicionamento dos clíticos nos falantes do PB. Com o auxílio de trabalhos empíricos, pudemos perceber que há uma distância entre o que é falado e o que é escrito. Embora a posição dos pronomes no português brasileiro escrito esteja longe de representar fielmente as recomendações da gramática tradicional, tampouco ela representa o padrão do PB oral. Os trabalhos sobre a colocação pronominal no PB escrito nos mostram que os falantes brasileiros são frequentemente afetados, sobretudo no registro escrito, pelas regras veiculadas pelas gramáticas tradicionais. Isso significa dizer que cada falante possui (ao menos) duas gramáticas distintas que são ativadas de acordo com o grau de formalidade da interação, como registro – oral ou escrito, intimidade entre os interlocutores – formal

ou informal, entre outros. A tradição normativa, adquirida tardiamente, compete com a gramática internalizada.

2. Descrição da Amostra

A escolha desse *corpus* se deve principalmente a uma característica social comum a todos os missivistas. Diferentemente dos trabalhos já feitos sobre colocação pronominal em cartas, geralmente escritas por pessoas ilustres, os remetentes que compõem a amostra que utilizamos para esse estudo são falantes não-ilustres do português brasileiro. Desse modo, apresentaremos a seguir brevemente a família Pedreira Ferraz-Abreu Magalhães, a família Frazão Braga, os noivos Jayme e Maria, a família Salgado Lacerda e um conjunto de cartas escritas no início do século XXI por missivistas de diferentes locais do Brasil, todos componentes de nossa amostra. Todas as cartas fazem parte do Corpus Histórico da Língua Portuguesa (CHLP – HistLing).

As cartas pessoais da família Pedreira Ferraz Abreu Magalhães foram escritas entre 1877 – 1948, trocadas entre pais e filhos, irmãos, avô e netos, totalizando 170. Esse material resgata um pouco mais de 70 anos de textos trocados entre os membros de uma família culta, conforme expõe Rumeu (2013, p. 55), cujos membros, em parte, tiveram acesso ao ensino superior e a outra parte, ainda que não tenha seguido o mesmo caminho, teve acesso à educação seja no lar seja nos conventos, locais em que frequentavam e em que dedicaram devotamente sua vida religiosa.

A amostra de cartas dos noivos Jayme e Maria contabilizam 97 cartas que foram encontradas em um descarte domiciliar no subúrbio do Rio de Janeiro e hoje fazem parte do acervo de cartas do Laboratório de História da Língua (HistLing) da Faculdade de Letras da UFRJ. Do total das cartas desse período, 29 têm como remetente Maria e as outras 68 são de autoria de Jayme, escritas no período de 1936 a 1937.

Por se tratar de pessoas não-ilustres, apesar das pesquisas e buscas sobre os missivistas, pouco se sabe sobre Jayme e Maria, além do que é explicitado nas cartas. Não temos informações concretas da idade dos missivistas em questão, mas podemos fazer uma estimativa relacionando as informações das cartas e o hábito social do início do século XX. Desse modo, Silva (2012) traça o perfil sociolinguístico do casal Jayme e Maria baseando-se nos fenômenos linguísticos presente nas cartas em relação ao que se sabe sobre as características sociolinguísticas da época. É através da leitura das cartas que se percebe diferença quanto ao grau de instrução dos missivistas. De fato, Jayme não domina plenamente a norma padrão (aquela aprendida na escola) devido a desvios recorrentes quanto a norma esperada. Maria, por sua vez, possui uma escrita de sintaxe mais simples e com maior número de erros grafemáticos. Contudo, enquadra-se no grupo de falantes alfabetizados por saber ler e escrever, mesmo portando muitos desvios da norma padrão escrita.

As cartas da Família Frazão Braga foram escritas entre escritas na 2ª metade do século XX, entre 1956 e 1994 por R.F.B. e seus familiares: W. (filho), M. (filho), M. R. (filha), E. (nora), M.H. (nora), D. (neto), A. (neta), At. (neto), Wl. (neto) e Ax. (bisneto). Trata-se de cartas disponibilizadas por um dos membros da família e que foram vendidas numa feira de antiguidade no Rio de Janeiro. A maioria das cartas é da autoria de A., que escreve para os familiares enquanto vai morar em Paris. São cartas sobre o cotidiano dos missivistas.

O conjunto de cartas da família Salgado Lacerda foi cedido por um membro da família e ex-aluna da instituição. As cartas foram escritas enquanto o filho B. se encontrava a serviço das Forças Armadas Brasileiras em Joaquim Gomes (AL) e a filha M. L. fazia intercâmbio nos Estados Unidos. Das 92 cartas, 67 têm como autoria M. L., as outras pertencem aos demais familiares. Os temas das cartas se desenrolam em torno de fatos cotidianos e amenidades da família. Como um grande número de cartas foi escrito por M., enquanto no intercâmbio, o *corpus*, em sua maioria, é constituído de relatos de viagens.

Por serem cartas relativamente recentes, traçar o perfil sociolinguístico dos missivistas dessa amostra se torna uma tarefa menos árdua já que temos acesso quase que completo sobre a biografia dos missivistas. A família de Cataguazes-MG pertence à classe média e emprega com grande domínio a norma aprendida na escola e esperada em documentos escritos. Fica claro que os membros da família, responsáveis pela autoria das cartas, tiveram instrução formal, pois apresentam pouco desvio da norma que lhes é esperada. O mesmo se pode dizer dos remetentes que não pertencem a família. As estruturas sintáticas apresentadas chegam muito próximo do padrão apresentado por brasileiros letrados.

Um outro conjunto de cartas utilizadas foi escrito por missivistas do século XXI, originados de todas as regiões do Brasil. Essas eram destinadas a um jovem universitário da cidade do Rio de Janeiro. Os correspondentes pertenciam a uma comunidade de trocas de cartas da extinta rede social *Orkut* e de um grupo da rede social *Facebook*. Ambos os grupos surgiram com o mesmo intuito de seus membros: comunicarem-se exclusivamente através de cartas. Em sua maioria, os grupos são formados por jovens e adultos do Brasil, mas possuem membros portugueses também. Essa amostra foi escrita por dezenove falantes do português brasileiro do grupo “*A Arte de Escrever Cartas*” do *Facebook* criado no ano de 2010 e operante até o momento. Das 38 cartas obtidas, quatro cartas foram descartadas por serem pequenas e não apresentarem nenhum pronome clítico. A amostra pode assim ser distribuída: cinco cartas da região Norte; uma carta da região Centro-Oeste; seis cartas da região Nordeste; três cartas da região Sul; dezenove cartas da região Sudeste.

As cartas traziam conteúdo informativo de caráter pessoal dos missivistas e outros assuntos triviais do cotidiano de cada um. Todos os remetentes tiveram acesso à educação formal em níveis satisfatórios. Suas cartas apresentam um registro claro e coerente que, embora repleto de marcadores

discursivo do registro oral, aproxima-se com eficiência das convenções de escrita e assim como os demais autores dos outros recortes sincrônicos, tais interlocutores se classificam como pessoas não-ilustres.

A metodologia utilizada no tratamento dos dados consistiu na seleção e codificação dos dados considerando as variáveis utilizadas por Thomaz (2017) e por Candido (2018) nas suas dissertações de mestrado, pois a amostra aqui utilizada é composta por uma subamostra dos dados dessas dissertações. Como nosso interesse aqui é mostrar somente os contextos de implementação da mudança em direção à próclise na escrita de brasileiros relativamente escolarizados, vamos apresentar aqui os resultados para as sentenças matrizes com verbo na primeira posição absoluta (#V1), na primeira posição em início de oração (V1) e sentenças XV, em que o elemento pré-verbal era um sujeito, um sintagma adverbial ou um sintagma preposicionado. Consideramos na linha de tempo a data de nascimento dos missivistas, compreendida em períodos de 25 anos, que vão desde 1826 a 2000, perfazendo 175 anos de registro escrito. Optou-se por considerar a data de nascimento dos missivistas, e não da escrita das cartas, pelo interesse em olhar para o período em que a gramática está sendo adquirida e que novas formas estão entrando na língua.

Por fim, no que se refere aos dados, foram codificados e rodados no Programa GoldVarb X (TAGLIAMONTE; SANKOFF; SMITH, 2005) para resultados estatísticos, os quais apresentaremos adiante juntamente com as discussões sobre a implementação da próclise na escrita de brasileiros.

3. Resultados

Apresentamos os resultados quantitativos a partir de tabelas e gráficos que unem os dados de todas as famílias por contexto sintático – #V1, V1 e XV – e nos permitem investigar o comportamento dos clíticos na escrita de brasileiros nascidos ao longo dos séculos – XIX e XX. Atestaremos, a partir de agora, a força do vernáculo atuando na escrita juntamente com a norma.

Vejamos os exemplos dos contextos que estamos considerando na análise:

(16) Te abraço com o maior carinho.

(*Corpus HistLing*, MTER, 16 de outubro de 1912, nasc. 1851-1875)

(17) Quando me fôr possível lhe escreverei sempre.

(*Corpus HistLing*, MLEO, 29 de fevereiro de 1920, nasc. 1876-1900)

(18) Naquele resistro da portaria se meche a eletrecidade e o moutor na cacimba do Arco-Verde;

(*Corpus HistLing*, MLEO, 11 de julho de 1920, nasc. 1876-1900)

- (19) Depois lhe contarei se tiver qualquer conforto nestes meus desejos da alma.
(*Corpus HistLing*, MLEO, 22 de agosto de 1920, nasc. 1876-1900)
- (20) Ella me dis-se que só Titia Mimi foi delicada.
(*Corpus HistLing*, MJO, 12 de abril de 1925, nasc. 1876-1900)
- (21) Madre da Divina Pastora me diz que é em Março.
(*Corpus HistLing*, MLEO, 29 de fevereiro de 1920, nasc. 1876-1900)

A Tabela 1 e o Gráfico 2 apresentam a distribuição geral dos percentuais de próclise nos contextos investigados de (1) #V1: início absoluto, (2) V1: início de oração e (3) em contexto XV, em que X² pode ser um sintagma preposicional (PP), um sintagma adverbial (ADVP), um sujeito pronominal ou um sujeito nominal, por data de nascimento do missivista. Em contexto de início absoluto, em que a norma atua mais fortemente, vemos um aumento gradativo na frequência da próclise nos textos dos missivistas nascidos no século XX que alcança os valores encontrados para o contexto sintático de início de oração, um contexto menos marcado em que a realização da próclise é mais frequente. Por fim, o contexto XV, desde o primeiro período analisado, apresenta um percentual alto – acima dos 30% – se comparado aos contextos anteriores, e que também crescimento na sua frequência ao longo do tempo.

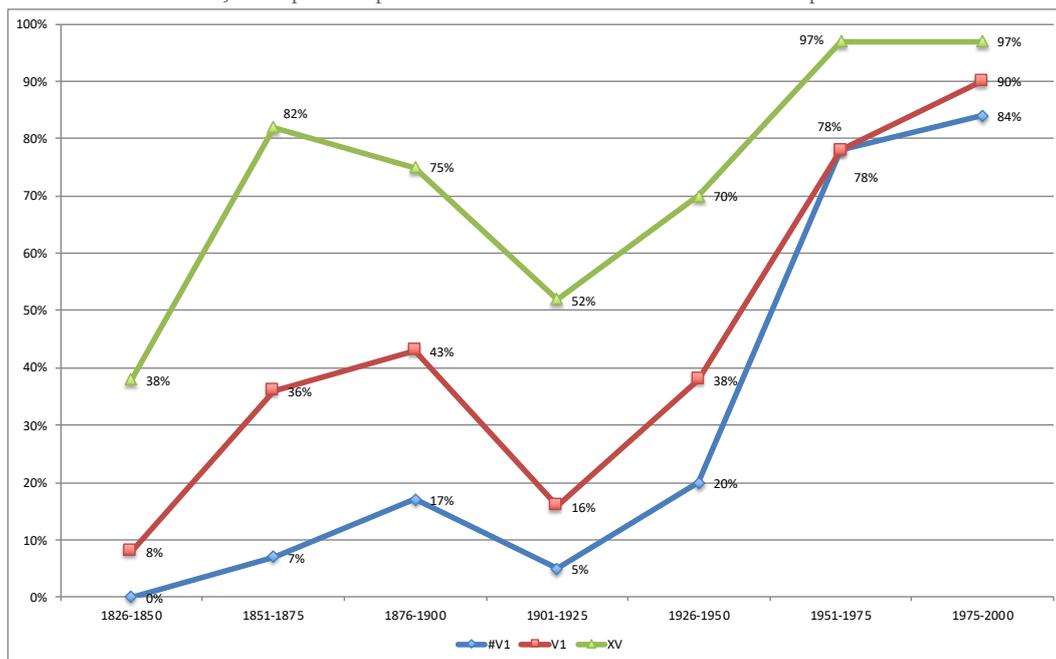
Tabela 1 - A próclise por contexto sintático em cartas brasileiras por data de nascimento do missivista.

	1826-1850		1851-1875		1876-1900		1901-1925		1926-1950		1951-1975		1975-2000	
	N / T	%	N / T	%	N / T	%	N / T	%	N / T	%	N / T	%	N / T	%
#V1	0/6	0%	2/27	7%	31/187	17%	3/57	5%	1/5	20%	51/65	78%	21/25	84%
V1	1/13	8%	4/11	36%	41/95	43%	12/76	16%	6/16	38%	45/58	78%	9/10	90%
XV	15/39	38%	31/38	82%	243/322	75%	94/181	52%	30/43	70%	275/284	97%	30/31	97%

Fonte: Autoria própria.

² Optamos por apresentar os dados de PP e ADVP juntos por não ter havido diferença significativa entre os dois contextos.

Gráfico 2 - A evolução da próclise por contexto sintático em cartas brasileiras por data de nascimento.



Fonte: Autoria própria.

O Gráfico 2, ilustrando os dados da tabela, permite uma leitura mais elucidativa do fenômeno linguístico. Atestamos, por meio dele, que o contexto XV favorece mais a próclise, que se torna mais frequente após o século XX. Observamos também que, a partir da segunda metade do século XX, não há mais diferença entre os dois contextos de V1, e essa diferença quase desaparece entre os três contextos nas missivas dos brasileiros nascidos a partir do final do século XX (1975 em diante). Os índices de próclise em contexto de V1 absoluto, mesmo sendo mais baixos se comparados com os outros contextos, se revelam bem altos para o contexto (86%). Em seguida, nos contextos de V1 em início de oração, os índices de próclise chegam a 90% e nos contextos V2 chegam a 97%.

Podemos ver que a implementação da próclise está alta nas missivas analisadas, diferentemente do que ocorre em outros corpora em que a pressão normativa é claramente mais forte. Chamam atenção, entretanto, os índices de próclise nos missivistas nascidos entre 1901 e 1925. Trata-se das cartas escritas pelo casal de namorados Jayme e Maria, cujas informações são escassas e são inferidas dos conteúdos das cartas. Diferentemente dos outros missivistas, Jayme e Maria apresentam grau de letramento mais baixo, como mostrou o trabalho de Silva (2012), o que pode apontar para um maior cuidado na escrita chegando a índices de próclise mais próximos dos missivistas nascidos nos dois primeiros períodos do século XIX, ou por eles utilizarem modelos de escrita mais próximos do Português Clássico³.

³ Para mais informações sobre o Casal dos anos 30, remetemos o leitor para Pagotto (2015) e Silva (2015), que fazem análises sócio-históricas sobre a escrita do casal dos anos 30.

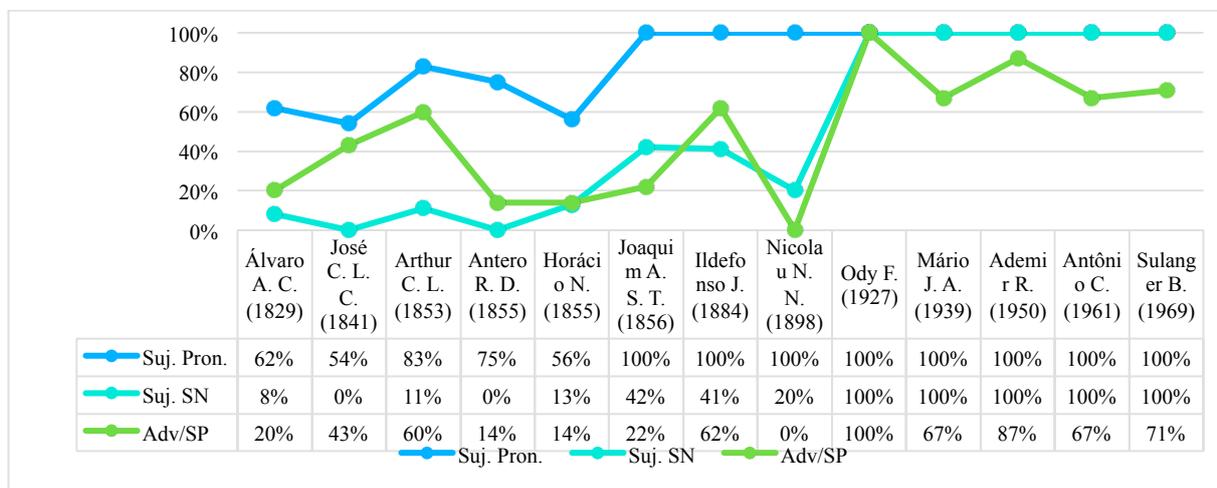
O aumento nos índices de próclise em contexto XV e em contexto V1 pode indicar a implementação nas missivas de brasileiros a gramática do PB, mesmo tendo em consideração as diferenças sócio-históricas que envolvem os missivistas em questão: com exceção do casal Jayme e Maria, os missivistas são todos escolarizados, tendo passado por escolarização formal, seja nos conventos e mosteiros, seja nas universidades (no século XIX, os homens, principalmente), ou escolarização em casa em casa (as mulheres nascidas no século XIX).

Cabe agora, testar a hipótese de Martins (2010) sobre a diferença nas gramáticas do português. Martins (2010) argumenta que a diferença na frequência da próclise nos tipos de contexto XV – SujV, AdvPV e PPV – pode indicar diferença na gramática: no Português Clássico, como já descrito na literatura, não possui uma posição específica para sujeito, assim, sujeitos podem se comportar como qualquer elemento topicalizado se comporta. Sujeitos DPs e sujeitos pronominais, por outro lado, se comportam de maneira diferente no Português Clássico.

A análise de Martins (2010) se baseia, principalmente, em Galves e Paixão de Sousa (2005) sobre a relação entre a colocação pronominal e a posição de sujeito no Português Clássico. O argumento é o de que no PC não há uma posição pré-verbal específica para sujeito, uma vez que os sujeitos são pós-verbais. Há, portanto, uma diferença entre sujeitos pré-verbais nominais e pronominais no PC: os sujeitos pré-verbais são deslocados em virtude de seu estatuto informacional de foco ou tópico contrastivo; sujeitos pronominais, por outro lado, carregam informação dada.

O ponto na argumentação de Martins (2010) é que se podemos ver diferenças nos índices de próclise dependendo do elemento pré-verbal, se sujeito pronominal ou sujeito nominal, então podemos estar diante de gramáticas distintas. De fato, na sua análise com base na colocação pronominal em peças de autores brasileiros nascidos no século XIX, podemos ver um padrão parecido com o do PC. Vejamos o Gráfico 2 a seguir, adaptado de Martins (2010):

Gráfico 2 - Distribuição da próclise em contexto XV em oração finita não-dependente em peças de autores brasileiros.



Fonte: Martins (2010).

Martins (2010) separa e apresenta os resultados para sujeito pronominal, sujeito DP, advérbios e PP e mostra que há diferenças em seu *corpus*. Os percentuais de próclise são sempre maiores mediante um sujeito pronominal, havendo grande variação quando o pronome é precedido por um sujeito nominal ou um ADVP-PP. Mas, nos textos escritos por autores nascidos a partir do século XX, essas diferenças se reduzem, a ponto de próclise ser implementada de forma categórica quando o que precede o verbo é o sujeito, independentemente da forma em que se realiza. Na amostra de Martins (2010), portanto, vemos diferença entre duas gramáticas com relação à próclise e os sujeitos pré-verbais.

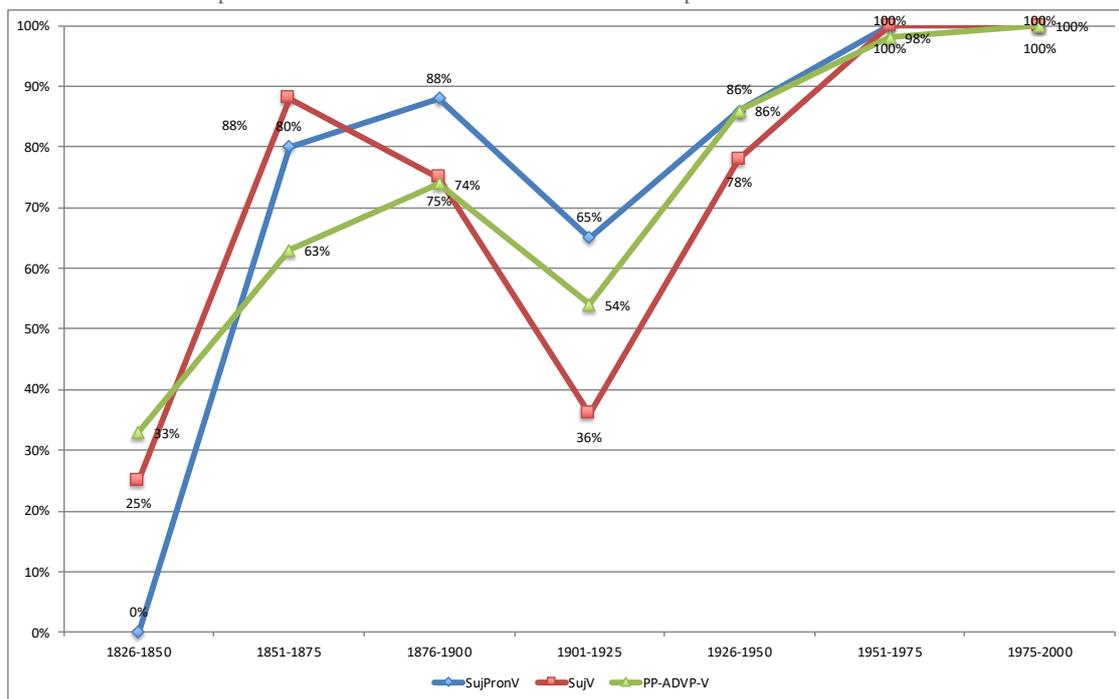
Os nossos dados, entretanto, parecem apontar para outra direção. Vejamos a Tabela 2 e o Gráfico 3, a seguir, com a distribuição dos elementos pré-verbais, separando-se sujeitos pronominais e nominais e elementos preposicionados. Podemos notar dois períodos na distribuição dos dados de próclise em contexto XV: nos documentos dos missivistas nascidos até o final do século XIX, os índices de próclise com Sujeitos pré-verbais – pronominais ou nominais – são mais altos do que com sintagmas preposicionados; nas cartas dos missivistas nascidos a partir do século XX, essa diferença vai diminuindo, em que os índices de próclise com sintagmas não sujeito passam 50% e chegam a 100% no último período.

Tabela 2 - A próclise em contexto XV em cartas brasileiras por data de nascimento do missivista.

	1826-1850		1851-1875		1876-1900		1901-1925		1926-1950		1951-1975		1975-2000	
	N / T	%	N / T	%	N / T	%	N / T	%	N / T	%	N / T	%	N / T	%
SujPron	0/0	-	4/5	80%	46/52	88%	47/72	65%	12/14	86%	103/103	100%	12/12	100%
SujSN	2/8	25%	11/13	85%	129/177	73%	10/28	36%	7/9	78%	76/76	100%	3/3	100%
PP-ADVP	3/9	33%	5/8	63%	64/87	74%	13/24	54%	6/7	86%	45/46	98%	6/6	100%

Fonte: Autoria própria.

Gráfico 3 - A próclise em contexto XV em cartas brasileiras por data de nascimento do missivista.



Fonte: Autoria própria.

De fato, existe uma pequena diferença entre os missivistas nascidos no século XIX e os nascidos ao longo do século XX, mas essa diferença não é a mesma que Martins (2010) encontra para o comportamento dos autores brasileiros. Comparando os nossos resultados com os resultados de Martins (2010), vemos que a diferença está nos índices de próclise: são mais baixos no século XIX e vão aumentando ao longo do século XX. Podemos levantar a hipótese de que, de fato, esse comportamento se assemelha às propriedades da gramática do PB, em que a próclise é generalizada, sem relação com os elementos pré-verbais. E uma evidência para isso está nos índices de próclise nos contextos V1, que apresentamos no Gráfico 1.

Considerações finais

Este artigo procurou mostrar a implementação da próclise em um corpus de cartas pessoais escritas por brasileiros nascidos entre os séculos XIX e XX, observando apenas dois contextos sintáticos: as construções com verbo na primeira posição (V1 absoluto e V1 em início de oração) e as construções com verbo na segunda posição (podendo X ser Suj, ADVP e PP). Além disso, procuramos testar em nossos dados a hipótese de Martins (2010) sobre a coexistência na escrita brasileira do século XIX de gramáticas em competição, ou de um resquício do Português Clássico, por meio do comportamento estatístico dos elementos pré-verbais nas construções XV, uma vez que

no PC há uma diferença entre sujeitos pronominais por um lado e sujeitos nominais, sintagmas adverbiais e preposicionados de outro.

No geral, observamos um aumento nos índices de próclise ao longo do tempo em todos os contextos sintáticos analisados, a ponto de a próclise ser a estratégia mais frequente em relação à ênclise, inclusive nos casos de verbo em início absoluto da sentença. Na escrita dos brasileiros, esse é um contexto em que a gramática do PB é comumente freada pelas forças normativas que pregam que “não se inicia uma frase por um pronome átono”, mas, ao que indicam os resultados, a pressão normativa não surte mais o mesmo efeito para os missivistas nascidos a partir da segunda metade do século XX.

Os resultados revelaram a implementação da gramática proclítica do PB na escrita de brasileiros, em direção à preferência pela próclise em contextos de ênclise no PC e no PE, como os contextos com verbo na primeira posição; e em contextos de variação no PC e de ênclise no PE, os contextos XV. Em contextos XV, os nossos dados mostraram uma diferença nos índices de próclise nas missivas dos autores nascidos até a primeira metade do século XIX, mas apresentou um crescimento ao longo dos séculos, independentemente do elemento pré-verbal. Isso pode indicar que a natureza da próclise no PB não está relacionada com a próclise do PC, como poderíamos supor. Mas para atestar essa hipótese, precisamos analisar mais dados de missivistas brasileiros.

Com relação à hipótese de Martins (2010), não verificamos nos dados dos missivistas brasileiros um padrão de colocação pronominal próximo ao Português Clássico, no que tange ao elemento pré-verbal nas construções XV: tanto sujeitos nominais quanto pronominais apresentaram o mesmo comportamento estatístico em direção ao aumento da próclise; nos dados dos missivistas nascidos no século XIX, os índices de próclise nos contextos de AdvP ou PP eram mais baixos, entretanto, mas subiram até se igualarem aos índices de próclise nos contextos de sujeito.

Consideramos que os resultados aqui apresentados são importantes para os estudos da sintaxe do Português Brasileiro, uma vez que podemos observar marcas da gramática brasileira, essencialmente proclítica, em textos escritos. O trabalho com cartas pessoais é importante no sentido de possibilitar estarmos mais próximos do vernáculo brasileiro e de tentar entender o quebra-cabeça do português brasileiro, principalmente na questão da colocação pronominal, que sofre influência de preceitos normativos.

Referências bibliográficas

- CANDIDO, Leandro. **Espero que esta te vá encontrar em perfeita saúde: a colocação pronominal em cartas pessoais dos séculos XX e XXI**. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.
- CAVALCANTE, Silvia; DUARTE, Maria Eugenia; PAGOTTO, Emilio Gozze. Clíticos no século XIX: uma questão de posição social? *In: CALLOU, Dinah; BARBOSA, Afranio (Orgs.). A norma brasileira em construção: cartas a Rui Barbosa (1866 a 1899)*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2011. p. 167-218.
- GALVES, Charlotte Marie Chambelland.; BRITTO, Helena; PAIXÃO DE SOUSA, Maria Clara. The change in clitic-placement from Classical to Modern European Portuguese: Results from the Tycho Brahe Corpus. *Journal of Portuguese Linguistics*, v. 4, n° 1, p. 39-67. 2005.
- GALVES, C.M.C.; PAIXÃO DE SOUSA, M. C. Clitic-placement and the position of subjects in the History of European Portuguese. *In: Twan Geerts; Ivo van Ginneken; Haike Jacobs. (Org.). Romance Languages and Linguistic Theory: selected papers from Going Romance 2003*. Amsterdã: John Benjamins, 2005, p. 93-107.
- GALVES, Charlotte Marie Chambelland.; RIBEIRO, Ilza Maria de Oliveira; MORAES, Maria Aparecida Torre. Syntax and morphology in the placement of clitics in European and Brazilian Portuguese. *Journal of Portuguese Linguistics*, v. 4, n° 2, p. 143-177, 2005.
- GALVES, Charlotte Marie Chambelland. Syntax and Style: clitic-placement in Padre Antonio Vieira. *Santa Barbara Portuguese Studies*, v. 6, p. 387-403, 2002.
- KATO, Mary Aizawa. A; MARTINS, Ana Maria. European Portuguese and Brazilian Portuguese: an overview on word order. *In: WETZELS, W. L.; MENUZZI, S; COSTA, J. (Orgs.). The handbook of Portuguese linguistic*. UK: Wiley, 2016. p. 15-40.
- KROCH, Anthony. Reflexes of Grammar in Patterns of Language Change. *Language Variations and Change*, n° 1, p. 199-244, 1989.
- KROCH, Anthony. Syntactic Change. *In: BALTIN; COLLINS (eds.). The handbook of contemporary syntactic theory*. Massachusetts: BlackWell, 2001. p. 699-729.
- KROCH, Anthony. **Mudança sintática**. Tradução de Silvia Cavalcante. 2003. Disponível em: <http://www.ling.upenn.edu/kroch>. Acesso em: 01 mar. 2017.
- PAGOTTO, Emilio Gozze. Norma e Condescendência; Ciência e Pureza. *In: Línguas Instrumentos Linguísticos*, n° 2, p. 49-68, 1998.
- PAGOTTO, Emilio Gozze. O amor em fragmentos: intertexto nas cartas de amor suburbano nos anos 30. *In: LaborHistórico*, Rio de Janeiro, 1 (2): 22-51, jul-dez. 2015. DOI: <http://dx.doi.org/10.17074/lh.v1i2.185>.
- PAGOTTO, Emilio Gozze; DUARTE, Maria Eugenia. Gênero e norma: avós e netos, classes e clíticos no final do século XIX. *In: LOPES, Célia Regina dos Santos (Org.). A norma*

Brasileira em Construção. Rio de Janeiro: UFRJ, Pós-graduação em Letras Vernáculas: Faperj, 2005. p. 67-82.

RUMEU, Marcia Cristina de Britto. **Língua e sociedade:** a história do pronome 'Você' no português brasileiro. 1 ed. Rio de Janeiro: Ítaca (FAPERJ), 2013, p. 308.

SILVA, Érica Nascimento. **Cartas amorosas de 1930: o tratamento e o perfil sociolinguístico de um casal não ilustre.** Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

SILVA, Érica Nascimento. Cartas amorosas de 1930: um casal não ilustre do Rio de Janeiro. *In: LaborHistórico*, Rio de Janeiro, 1 (2): 13-21, jul.-dez. 2015. DOI: <http://dx.doi.org/10.17074/lh.v1i2.184>

THOMAZ, Diana Silva. **A Colocação Pronominal em Cartas Pessoais da Família Pedreira Ferraz-Abreu Magalhães:** um caso de competição de gramáticas. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.